

RESENHA

Biografia e Educação

Wolney Honório Filho¹

DELORY-MOMBERGER, C. (2008). *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal: EDUFRN, São Paulo: PAULUS.

O Homem *escreve* sua vida antes mesmo de lhe dar uma forma literária, seja através de um diário, memórias, correspondências, (auto)biografias. Porém, a história de uma vida acontece na narrativa. É o que nos diz Delory-Momberger, de forma mais específica:

O que *dá forma* ao vivido e à experiência dos homens são as narrativas que eles fazem de si. A narração não é apenas o instrumento da *formação*, a linguagem na qual esta se expressaria: a narração é o lugar no qual o indivíduo *toma forma*, no qual ele elabora e experimenta a história de sua vida. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.56. Grifos da autora).

As histórias de vida vêm ocupando o cenário das Ciências Humanas, especialmente da Ciência da Educação, desde as últimas décadas do século XX. E uma questão que se sobrepõe é: como o homem tornou-se o que ele é? Não se trata de indagar como o homem é o que ele é. A pergunta traz consigo uma constatação: o homem hodierno tornou-se multidimensional. E a questão trata sobre como isso vem acontecendo.

Recorro aqui a algumas pistas² que podem nos ajudar a ter uma visão geral dessa perspectiva do humano, bem como focar nas figuras do indivíduo-projeto, delineadas por Delory-Momberger.

Fritjof Capra, no intento de refletir sobre as conexões ocultas, o pensamento complexo e sistêmico, nos dá uma medida sobre o existir enquanto ser humano:

¹ Professor do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Goiás - Campus Catalão e Líder do NEPEDUCA – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação de Catalão. Orientando em Pós-doutorado (2009/2010) da Prof^a. Dra. Maria Helena Menna Barreto Abrahão, no Programa de Pós-graduação em Educação, FAGED, PUCRS. EMAIL: whonoriof@gmail.com

Resenha recebida em junho de 2010; aprovada em agosto de 2010

² Utilizo o termo como o faz Ginzburg:

Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas - sinais, indícios - que permitem decifrá-la. Essa idéia, que constitui o ponto essencial do paradigma indiciário ou semiótico, penetrou nos mais variados âmbitos cognoscitivos, modelando profundamente as ciências humanas. Minúsculas particularidades paleográficas foram empregadas como *pistas* que permitiam reconstruir trocas e transformações culturais [...].(1989, p. 177) (grifo nosso)

Na qualidade de seres humanos, nós existimos dentro da linguagem e tecemos continuamente a teia lingüística na qual estamos inseridos. Nós coordenamos nosso comportamento pela linguagem, e juntos, através da linguagem, criamos ou produzimos o nosso mundo. (2002, p.68).

Nossa existência tem sentido quando produzimos significados sobre o ambiente que nos rodeia, o que experimentamos. E este ambiente está repleto de redes. Redes de comunicação, sociais, políticas, religiosas, etc. Para Capra, uma organização humana “só será um sistema vivo se for organizada em rede ou contiver redes menores dentro de seus limites”. (2002, p.117). Estamos envolvidos em redes, de onde partimos e aonde chegamos.

Outra pista singular. Ela vem do Poeta Ferreira Gullar:

Uma parte de mim é todo mundo: outra parte é ninguém: fundo sem fundo.	Uma parte de mim pesa, pondera: outra parte delira.	Uma parte de mim é permanente: outra parte se sabe de repente.
Uma parte de mim é multidão: outra parte estranheza e solidão.	Uma parte de mim almoça e janta: outra parte se espanta.	Uma parte de mim é só vertigem: outra parte, linguagem.
		Traduzir-se uma parte na outra parte - que é uma questão de vida ou morte - será arte? ³

O poeta fala de possíveis partes que constituem o indivíduo, abrindo um leque disforme de adjetivos, compondo-os como se compõe uma música, num ritmo não linear. Este indivíduo não é uma coisa, mas um processo de misturas. Porém, não é um indivíduo qualquer. É, provavelmente, o poeta falando de si, traduzindo-se frente a tantas porções que o constituem. Há ainda outra soma nesta equação poética: o indivíduo-poeta falando de si como se fosse “Um” outro, que também narra suas melodias vivenciais. Uma multiplicidade de pessoas, falando de si, como se fossem todos, ou como se todos estivessem contidos na unidade multidimensional individual.

Encontramos nessa pista o fato de que no redemoinho da multiplicidade identitário, o indivíduo resiste, tentando falar de si, buscando identidades multiformes e criando significados para esse ser nada homogêneo. Mas, ao falar de si, ele fala de muitos outros. Conhecemos, então, pela narrativa de si, o social. É o que nos diz Ferrarotti: “se nós somos, se todo indivíduo é, a reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia,

³ GULLAR, 1980.

podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual”. (1988, pp.26-27).

A nossa terceira pista para essa perspectiva geral do humano é outro poema:

em mim
eu vejo o outro
e outro
e outro
enfim dezenas

trens passando
vagões cheios de gente
centenas

o outro
que há em mim
é você
você
e você

assim como
eu estou em você
eu estou nele
em nós
e só quando
estamos em nós
estamos em paz
mesmo que estejamos a sós⁴

O poema auto-reflete sobre a imagem do homem. Longe de um sujeito integral, Leminski expõe o sujeito fragmentado que se completa no outro. Contar-se, falando de si, é também falar do outro, que na mesma perspectiva, ao também falar de si, fala de mim. O poema nos mostra uma forma de compreender o ser humano.

Compreender o humano, a partir de uma Ciência Humana, “constrói-se com base na autorreflexão e na autointerpretação que o homem, aqui é o historiador ou o pesquisador, é capaz de realizar sobre si mesmo a partir de sua própria experiência de vida” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.57). O tempo passado está, a cada momento, sendo revisitado por interpretações retrospectivas. “A forma da vida que construímos (nossa *biografia*) está submetida a uma perpétua reconfiguração” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.58).

Assim como no poema, as narrativas também nos oferecem um movimento de *empatia*, que significa nossa capacidade humana, de forma colaborativa, de dividir sentimentos, emoções, ideias. Mas isso não se dá de forma homogênea. Há um jogo entre o outro e mim, e vice versa. A compreensão dessa relação mediada pela narração requer um

⁴ LEMINSKI, 1983, p.12

processo de reflexividade. Delory-Momberger chama essa interação de *heterobiografia*, ou seja, “a forma de escrita de si que praticamos quando nos confrontamos com a narrativa de outrem” (2008, p.60). Assim como nos apropriamos de uma música, de um poema, o fazemos com a narrativa do outro, tomando-a a partir do universo de “expectativas, projetos e interesses de quem o recebe” (Idem).

Podemos interpretar a atitude de “traduzir-se”, de Gullar, ou o “Eu”, de Leminski, numa perspectiva do sujeito que sofre por não se encontrar, mas que se mostra desejante ao se mostrar em movimento de traslado identitário, ou buscando-se reconhecer na multidão de outros, você, você e você, de Leminski. Esse desejo de busca de si, Delory-Momberger o interpreta como um projeto que o sujeito faz de si mesmo. Não como algo consciente, mas como “um impulso para frente, uma orientação para o futuro” (2008, p.63). A interação entre o “eu” e o “outro”, no campo da narrativa gera uma escrita de si:

Construo-me, assim, na projeção do olhar do outro, na antecipação da leitura do outro. De certo modo, não paro de *me escrever*, isto é, de compor os efeitos de escrita que vêm, ao mesmo tempo, modelar e autenticar meu estilo, permitindo reconhecer-me a mim mesmo e ser reconhecido pelos outros. (2008, p.65. Grifos da autora).

Para Delory-Momberger, a biografização⁵ do sujeito não se constitui apenas como uma história de algo que já passou. Esta prática revela, sobretudo, um *ser-a-vir* e um *ser-para*⁶. Falar do passado, acessar as memórias impulsiona o sujeito para um *querer-ser-para* indefinidamente, ou pelo menos enquanto há memórias por lembrar. Diz a autora:

A “história de vida” não é a história da vida, mas a *ficção* apropriada pela qual o sujeito se produz como projeto dele mesmo. Só pode haver sujeito de uma história a *ser feita*, e é, à emergência desse sujeito, que *intenta* sua história e que se experimenta como projeto, que responde o movimento da biografização. (2008, p.66)

Delory-Momberger sinaliza que o contexto desse processo de biografização da vida social do sujeito, “um sujeito destituído da dimensão essencialista e atemporal que a filosofia clássica lhe conferia e fortemente inscrito numa realidade sócio-histórica movente e instável” (2008, p.69), é de uma individualização social, frente a uma sociedade cada vez mais complexa e heterogênea. A representação que o indivíduo produz de si e do mundo não mais coincide com a representação do lugar ou do conjunto de lugares que ele ocupa.

⁵ Delory-Momberger cunha esse termo, entendendo-o como algo que tem duas faces: a individualização e a socialização. Mais ainda, “a biografização não é somente um processo sócio-historicamente inscrito, formal e estruturalmente determinado; é um processo essencial de socialização e de construção da realidade social” (2008, pp.28-29).

⁶ Termos utilizados pela autora

Um dado interessante que afeta as sociedades pós-modernas, a descentralização e a desinstitucionalização, dilui a noção de papel social, levando os indivíduos à necessidade de “construírem, por si mesmos, o sentido de sua atividade social” (2008, p.75). O indivíduo já não é mais um representante de um grupo, mas o “produto complexo de experiências socializadoras múltiplas” (Idem). Ora, fico a me imaginar nesse sofisticado mundo complexo: pai, filho, professor, pesquisador, marido, ex-marido, tocador de violão, blogueiro...; a maneira de experimentar o social é ampla, heterogênea, exigindo uma reflexividade atenta para conferir uma ordem biográfica. Ao construir a narrativa de mim, me distancio de mim mesmo, buscando subjetivar minha experiência social. Segundo Delory-Momberger

A “biografia” não é mais, a partir de então, unicamente o feito de indivíduos que circunstâncias excepcionais ou talentos particulares situam acima do desígnio comum, subtraindo-os do percurso coletivo: ela se impõe a todos como uma obrigação de individualidade e singularidade. (2008, p.77).

Não se trata de uma vaga popularização do processo de biografização. Mas de uma atitude que nos leva a sermos atores e autores da nossa história, da nossa vida. Neste caso, o que a autora chama de indivíduo-trajetória, de um indivíduo-projeto, se define “menos por sua interioridade do que pelo modo como constrói sua história construindo o mundo” (2008, p.78). Por outro lado, ao construir a figura narrativa de sua existência, o indivíduo constitui-se também num processo de socialização.

Mas como se dá a relação entre a biografização e a educação? Delory-Momberger remete o leitor a pensar esta relação a partir da noção de formação. Nas economias industriais, o ideal de formação visava adaptar os indivíduos aos empregos. Já nas economias emergentes, pós 1980, segundo a autora, o ponto de partida são os próprios indivíduos e formá-los significa “ensiná-los a reconhecer melhor suas competências e a construir, com elas, percursos de formação personalizados, apropriados ao desenvolvimento de aptidões, ao mesmo tempo profissionais e pessoais” (2008, pp.87-88). Cabe lembrar que a formação aqui se distancia de um ideal acadêmico e/ou instrumental e toma como parâmetro uma concepção global da formação.

Temos, assim, nesse livro de Delory-Momberger um realce da biografização do indivíduo, tornando-o sujeito de sua história e de sua formação. Os procedimentos utilizados elegem como objeto não a vida, propriamente dita, mas as “construções narrativas”. A história de vida acontece na narrativa, como nos diz a autora:

A narrativa realiza sobre o material indefinido da experiência vivida um trabalho de homogeneização, ordenação e funcionalidade significativa: ela reúne, organiza, tematiza os acontecimentos da existência, dá sentido a um vivido multiforme, heterogêneo, polissêmico. É a narrativa que dá uma

história a nossa vida: nós não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida. (2008, p.97. Grifos da autora).

O sujeito, essa figura de um “si-mesmo” não existe num *estado*, ele é uma construção sempre em ato.

Uma interrogação inevitável para Delory-Momberger e da qual ela não se declina, é a relação entre aprendizagem e biografização social. Aponta a autora que “toda aprendizagem, estruturada ou não, intencional ou não, é um ato socialmente situado e socialmente construído; não há aprendizagem senão inserida na singularidade de uma biografia” (2008, p.110).

Assentada numa concepção social e humana do sujeito, esse livro “*Biografia e Educação*” mostra claramente ao leitor o potencial teórico metodológico do uso das biografias na pesquisa em Educação e Formação de pessoas. Potencializa o sujeito e suas aprendizagens.

Aprender e apropriar-se dos saberes, seja qual for a sua natureza, é, em graus diversos, retocar, revisar, modificar e transformar um modo de ser no mundo, um conjunto de relações com os outros e consigo mesmo; é, de maneira mais ou menos sensível, lançar novos olhares sobre seu passado e sobre suas origens, projetar ou sonhar, de outro modo, seu futuro, biografar-se de outro modo (2008, 138).

A força da atividade biográfica como um motor do processo de auto-educação, ressaltado por Delory-Momberger, pode ser visto no poema de Leminski, abaixo:

eu
quando olho nos olhos
sei quando uma pessoa
está por dentro
ou está por fora

quem está por fora
não segura
um olhar que demora

de dentro de meu centro
este poema me olha⁷

Conhecer os olhos alheios pode ser uma presunção do poeta. Porém, a escrita que faço de mim, meu poema, minha voz, minha música, meu texto dissertativo, minha prosa, minha *escrita de mim* não está a me olhar, constantemente? Talvez a questão principal deixada por Delory-Momberger é que, em todos os engajamentos sociais, onde está o sujeito, há inevitavelmente essa multidimensionalidade da biografia do ser.

A leitura deste livro de Delory-Momberger, *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*, margeadas pelas pistas aqui informadas, nos levam a uma diversidade de

⁷ LEMINSKI, 1983, p.15.

encontros, potencialmente férteis. O do campo acadêmico, calcado especialmente na pesquisa em ciência da educação, é um deles. Outro é a dimensão do embate do sujeito com ele mesmo, através dos processos de biografização. O tempo presente, devido à diversidade das teias biográficas, é um momento em que as dimensões do humano passam por profundas revisões. “Traduzir-se uma parte, na outra parte - que é uma questão de vida ou morte – será arte?”

REFERÊNCIAS

CAPRA, Fritjof. As conexões ocultas. Ciência para uma vida sustentável. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Cultrix, 2002.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográficos. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). O método (auto)biográfico e a formação. Lisboa: Ministério da Saúde. Departamento de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p.19-34.

GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GULLAR, Ferreira. Traduzir-se. In, *Na vertigem do dia*. 17ª edição. São Paulo: José Olympio Editora, 1980.

LEMINSKI, Paulo. Contranarciso. In: *Caprichos & Relaxos. (Saques, piques, toques & baques)*. São Paulo - Ed. Brasiliense, 1983.